

As redes sociais infantilizam o cérebro



Danielle Lourenço*

Li o artigo *As redes sociais infantilizam o cérebro*, da Dra. Susan Greenfield, neurocientista que, entre outras atividades, coordena o Institute for the Future of the Mind, onde se estudam os cérebros de jovens e idosos e a forma como eles são impactados pela tecnologia, drogas e doenças.

Segundo o texto, mais do que discutir se as redes sociais são boas ou ruins, há que se refletir sobre o impacto cerebral de tais atividades virtuais no cérebro de crianças, adolescentes e adultos.

Greenfield menciona que um indivíduo que vê a vida pelas telas vive em um “mundo” onde empatia e significado são menos importantes que as vivências virtuais. Também vivemos a era da velocidade e da quantidade de informações, sem, contudo, dar conta de transformar tais informações em conhecimento.

E, para finalizar, ela ainda levanta a situação do aumento de casos de autismo e de crianças com déficit de atenção.

Concomitantemente, li uma pesquisa divulgada pelo Ibope Mídia, a qual menciona que 29% dos jovens com idades entre 10 e 17 anos preferem conversar virtualmente do que pessoalmente.

Logo, há toda uma questão social, psicológica e emocional que deve ser levada em consideração, pois muito me preocupam os desvios de conduta, os distúrbios psicológicos causados pelo uso indevido dos recursos tecnológicos contemporâneos e a questão da “troca”, esta preferência pelas ações virtuais em detrimento das reais.

Nós, adultos, que vivemos no mundo do toque, do carinho, da amizade, da “mão-na-mão”, do abraço e fomos “convidados” a adentrar no mundo virtual sabemos que não há comparação. O mundo real é muito melhor que o virtual em termos de relacionamento humano. É quente, é intenso, é vivo.

Portanto, mais do que nunca, precisamos propiciar aos nossos alunos vivências agradáveis, amorosas, educativas, familiares no mundo real. Precisamos orientar os pais nesse sentido. Que saiam com seus filhos para passear, que sentem na sala de estar para jogar, que incentivem os filhos a receber os amigos em casa, que combinem atividades de lazer com outras famílias... Enfim, precisamos ampliar as atividades que desenvolvam o lado social que anda tão morno, tão desvalorizado.

A hora é agora! Precisamos humanizar esta geração!

Como disse sabiamente Charlie Chaplin em 1940, em seu clássico *O Grande Ditador*:

“Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos cétricos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas duas virtudes, a vida será de violência, e tudo será perdido.” ■

*Especialista em Tecnologia Responsável

dani@daniellelourenco.com.br

